**Cultivando agricultores:
Percepção dos jovens rurais sobre as plantas medicinais**

*Cropping farmers:
Perception of rural young people about medicinal plants*

SANCHEZ-COUTO, Xoán Carlos¹

¹ Universidade Federal do Pará, xoancarlossc@gmail.com

Resumo

Os jovens do meio rural têm poucos conhecimentos sobre o uso de plantas medicinais para tratamentos de saúde e mantêm uma atitude de desinteresse para o assunto, mas quando estimulados por meio de uma proposta de pesquisa-ação a escrutarem os conhecimentos dos mais idosos de suas comunidades a respeito, passam a valorizarem estes saberes locais e a assumi-los como um componente da sua identidade. Também passam a ter uma visão positiva do uso das plantas medicinais como estratégia de sobrevivência perante as lacunas estruturais do sistema público de saúde no meio rural.

Palavras-chave: pesquisa-ação; educação do campo; saúde alternativa; etnobotânica; agroecologia.

Abstract: Young people in rural areas have little knowledge about the use of medicinal plants for health care and they maintain an attitude of indifference to the subject, but when stimulated by an action research proposal for seeking the knowledge of older people in their communities, they begin to appreciate these local knowledge and take it as a component of their identity. They also tend to gain a positive view of the use of medicinal plants as a survival strategy in the face of structural shortcomings of the public health system in rural areas.

Keywords: action research, rural education, alternative health, ethnobotany; agroecology.

Introdução

A pesquisa-ação consiste na resolução e esclarecimento dos problemas de uma sociedade local e na produção de conhecimento pelos pesquisadores (THIOLLENT, 1988). De acordo com sua dupla natureza, persegue objetivos de conhecimento e objetivos práticos, estes relacionados com o componente ação: a interação entre pesquisadores e comunidade, a ação concreta resultante desta interação e a investigação dos problemas sociais. Frente às visões conservadoras da intervenção, as abordagens participativas, originadas por Paulo Freire (LIMA, 2001), defendem o respeito ao saber e aos costumes dos agricultores familiares e creditam o sucesso da intervenção à participação engajada dos camponeses em todas as fases do

processo (FREIRE, 1983).

O cultivo de plantas medicinais pelos agricultores familiares tem sido citado frequentemente como um dos exemplos mais vivos da importância da conservação da agrobiodiversidade. A manutenção desta riqueza depende amplamente da utilidade que os agricultores lhe atribuem e da existência de pessoas que a mantenham e que incentivem os processos sociais e ecológicos necessários à sua continuidade (AMOROZO, 2010). Para tanto, deve haver pelo menos um membro de cada família disposto a assumir o relevo geracional à frente da propriedade agrícola.

Não há dúvida da importância dos meios para cuidar da saúde e suas afecções entre as estratégias de sobrevivência destas populações. Quando o saber se acumula coletivamente e é sustentado na memória do grupo, as interações entre as gerações adquirem uma importância singular (TOLEDO; BARRERA-BASSOLS, 2008).

No caso das plantas medicinais não só os conhecimentos são mantidos de forma coletiva. As sementes e propágulos circulam na comunidade numa base de gratuidade e dádiva. Isto não significa que não haja interesses em jogo, pois desta forma tece-se uma malha de segurança que permite a conservação in situ dos recursos fitogenéticos. Mauss afirma que a dádiva tem valor simbólico, pois se baseia no conceito de direito e no respeito à necessidade do outro conhecido e valorizado (BAUMAN; MAY, 2010).

Metodologia

Este trabalho objetiva a identificação da mudança na percepção dos jovens rurais sobre as plantas medicinais após uma proposta de interação com pessoas idosas de sua comunidade com conhecimentos práticos sobre as mesmas. Os trabalhos foram realizados na Casa Familiar Rural (CFR) de Açailândia, na região pré-amazônica maranhense.

A CFR de Açailândia constitui-se também num centro de irradiação da agroecologia e de práticas sustentáveis. Possui uma área de 70 Ha onde são mantidas unidades demonstrativas agroecológicas de interesse da agricultura familiar.

Elaborou-se um “Plano de estudo” (GIMONET, 2007), instrumento pedagógico próprio da Pedagogia da Alternância, consistente numa pequena pesquisa feita na comunidade pelo jovem. O questionário foi elaborado coletivamente em sala de aula, com a facilitação do pesquisador. Posteriormente cada jovem escolheu na sua comunidade a pessoa identificada pelos moradores como detentora de conhecimentos sobre plantas medicinais. Cada jovem elaborou um texto síntese com suas conclusões. Finalmente, no tempo escola, realizou-se a colocação em comum e discussão do material produzido.

O questionário usado incluiu perguntas para serem respondidas na forma de listas livres, metodologia amplamente utilizada em pesquisas etnobotânicas. São usadas para identificar itens em domínios culturais e calcular a “saliência cultural”, isto é, proeminência, familiaridade e representatividade.

Resultado e discussões

A maioria dos entrevistados reportam que começaram a cultivar e usar plantas medicinais numa data específica distante. Um número considerável de entrevistados (22%), na sua maior parte mulheres, informam terem começado a cultivar plantas medicinais quando constituíram família ou quando tiveram os primeiros filhos e estes adoeceram. Provavelmente antes de saírem da casa dos progenitores já ajudavam os pais a cultivarem plantas medicinais, mas reportam o início do cultivo quando assumem um cultivo próprio. A mesma porcentagem diz ter começado o cultivo na infância ou adolescência. Isto é compatível com o dado de que 63% afirmam ter aprendido a lidar com plantas medicinais dos pais ou parentes mais velhos. Outros 33% dizem ter aprendido com vizinhos. Frente a isto, somente 11% aprenderam através de livros, vídeos, cursos ou atividades da igreja católica e 7% dos próprios vendedores de plantas medicinais. Isto confirma que os conhecimentos são

transmitidos de forma oral e preferencialmente dentro da família ou nos círculos de interconhecimento.

Dos dados desprende-se que os camponeses mais idosos da região tocantina conhecem, cultivam e usam uma vasta gama de plantas medicinais. 70 espécies diferentes foram citadas. Algumas espécies destacam-se pela ampla difusão. As 10 mais citadas são cultivadas e/ou usadas por mais de 40% dos entrevistados: erva cidreira, capim santo, hortelã, babosa, mastruz, malva-do-reino, alfavaca, arruda, boldo e romã. Existe correlação entre as plantas mais citadas pelo seu nome comum e as afecções de saúde mais frequentes na população rural, segundo relato dos próprios entrevistados. Há uma grande coincidência nas informações sobre aplicações e formas de uso das plantas mencionadas, sobretudo se consideramos que as entrevistas foram realizadas em mais de 20 comunidades rurais diferentes e em 4 municípios, o que sugere que o conhecimento local sobre fitoterapia realmente circula nas comunidades e faz parte de uma memória coletiva (histórica e social), no sentido que Toledo e Barrera-Bassols (2008) indicam.

As questões referentes ao tamanho da área destinada ao cultivo, o armazenamento da produção e a venda da mesma sugerem tratar-se de uma atividade de subsistência, destinada a suprir as necessidades da família e a compartilhar na comunidade. Poucos efetuam vendas, e mesmo estes afirmam que doam as plantas quando se trata de pequenas quantidades e de pessoas conhecidas.

Os motivos aduzidos pelos entrevistados para usarem as plantas medicinais: tratamento de doenças leves e bem conhecidas (41%), pronto atendimento devido às carências do sistema público de saúde no meio rural (22%), prevenção (19%), tradição e lazer (15%), fatores econômicos (mais baratos que alopáticos) (11%), revelam que o cultivo e uso de plantas medicinais é uma estratégia de sobrevivência frente ao desamparo nas áreas de saúde e infra-estrutura e à pobreza.

Conclusões

Os jovens rurais não possuíam, ao início da atividade, muitos conhecimentos sobre plantas medicinais, embora tenham costume de presenciarem seu uso na comunidade e/ou na família. Após participarem das atividades propostas neste processo de pesquisa-ação, deduzimos que quando existe incentivo para que os jovens passem a conhecer melhor o cultivo e aplicações das plantas medicinais e são repassadas informações científicas que avalizam os conhecimentos locais, os jovens respondem valorizando as plantas medicinais e passando a cultivá-las e usá-las para tratarem de afecções leves. É necessário um exercício intelectual de reflexão para que os jovens passem a enxergar a cultura popular em que são socializados como um elemento constitutivo da identidade dos mesmos que não necessariamente se contradiz com a totalidade da cultura moderna ou urbana que progressivamente se insere no meio rural. Há espaço para a negociação, a convivência e o sincretismo. A união entre ensino e prática, estudo e ação, é primordial para se conseguir avanços numa educação do campo que seja significativa e empolgante para os jovens, em que eles se sintam protagonistas e atores e não somente consumidores de conhecimentos prontos e inquestionáveis.

Referências bibliográficas:

AMOROZO, M. C. M. Diversidade agrícola em um cenário rural em transformação: será que vai ficar alguém para cuidar da roça. In: Ming, L.C. (org): **Agrobiodiversidade no Brasil—experiências e caminhos da pesquisa**. Recife: NUPEEA, p. 295-308, 2010.

BAUMAN, Zygmunt; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAs**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007. 167 páginas.

LIMA, Ivamney Augusto. **A extensão rural e a produção do conhecimento: a fundamentação científica dos planos municipais de desenvolvimento rural do programa nacional de fortalecimento da agricultura familiar (prona) no estado de São Paulo**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2001

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 4 ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **La memoria biocultural. La importancia ecológica de las sabidurías tradicionales**. Barcelona: Icaria, 2008.